

DO AUTOR

- A peste*, Rio de Janeiro, Record, 13ª edição, 2002
A queda, Rio de Janeiro, Record, 12ª edição, 2002
A inteligência e o cadafalso, Rio de Janeiro, Record, 2ª edição, 2002
O estrangeiro, Rio de Janeiro, Record, 22ª edição, 2001
O homem revoltado, Rio de Janeiro, Record, 4ª edição, 1999
O avesso e o direito, Rio de Janeiro, Record, 4ª edição, 1999
O exílio e o reino, Rio de Janeiro, Record, 5ª edição, 1997
A morte feliz, Rio de Janeiro, Record, 4ª edição, 1997
Diário de viagem, Rio de Janeiro, Record, 4ª edição, 1997

Albert Camus

Estado de sítio
(Espetáculo em três partes)

Tradução de
ALCIONE ARAÚJO E PEDRO HUSSAK


CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rio de Janeiro
2002

... e a natureza da coisa, e a natureza da coisa, e a natureza da coisa...

... e a natureza da coisa, e a natureza da coisa, e a natureza da coisa...

... e a natureza da coisa, e a natureza da coisa, e a natureza da coisa...

... e a natureza da coisa, e a natureza da coisa, e a natureza da coisa...

Primeira Parte

... e a natureza da coisa, e a natureza da coisa, e a natureza da coisa...

... e a natureza da coisa, e a natureza da coisa, e a natureza da coisa...

- ... e a natureza da coisa, e a natureza da coisa, e a natureza da coisa...
- ... e a natureza da coisa, e a natureza da coisa, e a natureza da coisa...
- ... e a natureza da coisa, e a natureza da coisa, e a natureza da coisa...
- ... e a natureza da coisa, e a natureza da coisa, e a natureza da coisa...
- ... e a natureza da coisa, e a natureza da coisa, e a natureza da coisa...
- ... e a natureza da coisa, e a natureza da coisa, e a natureza da coisa...
- ... e a natureza da coisa, e a natureza da coisa, e a natureza da coisa...

... e a natureza da coisa, e a natureza da coisa, e a natureza da coisa...

Prólogo

Abertura musical: tema sonoro que lembra uma sirene de alerta.

O pano se abre, a cena está completamente escura.

Cessa a abertura musical, mas o tema de alerta continua, como um zunido ao longe.

De repente, ao fundo, surgindo do lado direito, um cometa se desloca lentamente para o lado esquerdo.

Ele ilumina, em sombras chinesas, os muros de uma cidade espanhola fortificada e a silhueta de vários personagens de costas para o público, imóveis e com a cabeça estendida em direção ao cometa. Soam quatro horas. O diálogo é quase incompreensível, como um murmúrio.

— É o fim do mundo!

— Não, homem!

— Se o mundo acabar...

— Não, homem. O mundo sim, mas não a Espanha!

— Mesmo a Espanha pode morrer.

— De joelhos!

— É o cometa anunciando o mal!

— A Espanha não, homem! A Espanha não!

Dois ou três cabeças se voltam. Um ou dois personagens se deslocam com precaução, e depois tudo volta à imobilidade. O zunido fica então mais intenso, torna-se estridente e desenvolve-se musicalmente como uma palavra inteligível e ameaçadora.

Ao mesmo tempo, o cometa cresce de modo desmesurado. Bruscamente, um grito terrível de mulher. A música cessa imediatamente e o cometa se reduz a seu tamanho normal. A mulher foge, ofegante. Confusão na praça. O diálogo, mais sibilante, é mais bem percebido, mas ainda não é compreensível.

- É sinal de guerra!
- Claro!
- Não é sinal de nada!
- Pode ser...
- Que nada, é o calor.
- É o calor de Cádiz.
- Já chega.
- Apita muito forte.
- Vou ficar surdo.
- Isso é uma praga na cidade!
- Oh! Cádiz! Uma praga caiu sobre você!
- Silêncio! Silêncio!

Olham novamente o cometa, quando se ouve a voz de um oficial das guardas civis, desta vez claramente.

OFICIAL DA GUARDA CIVIL

Voltem para suas casas! Vocês viram o que viram, e basta. Muito barulho por nada, acabou-se. Estão procurando chifre em cabeça de cavalo. Cádiz é assim. É sempre Cádiz.

UMA VOZ

Mas é um sinal, e sinais não aparecem à toa.

UMA VOZ

O grande e terrível Deus!

UMA VOZ

Hoje em dia ninguém acredita mais em sinais, seu piolhento! Somos inteligentes demais para acreditar nisto.

UMA VOZ

Sim, e é assim que a gente quebra a cara. A gente é burro feito porco; e porco se sangra a faca.

OFICIAL

Voltem para suas casas! A guerra é assunto nosso, e não de vocês.

NADA

Ah! Se fosse verdade! Os oficiais morrem na cama, e a facada é para a gente!

UMA VOZ

Aqui está Nada. Nada, o idiota!

UMA VOZ

Nada, você deve saber. O que significa tudo isto?

NADA (*Ele é um doente.*)

Vocês não iriam gostar de saber o que tenho a dizer. Ririam. Melhor perguntar ao estudante, já é quase doutor. Eu só falo à minha garrafa.

Ele leva uma garrafa à boca.

UMA VOZ

Diego, o que ele está querendo dizer?

DIEGO

Não importa. Vamos agüentar firme, é tudo.

UMA VOZ

Por que não perguntam ao oficial da guarda civil?

OFICIAL

A guarda civil acha que vocês estão perturbando a ordem pública.

NADA

A guarda civil tem sorte: tem idéias simples.

DIEGO

Ei, olhem! De novo...

UMA VOZ

Ah! O grande e terrível Deus.

O zunido recomeça. Segunda passagem do cometa.

- Chega!
- Pare com isso!
- Cádiz!
- O apito!
- Cai uma praga...
- Sobre a cidade...
- Silêncio! Silêncio!

Soam cinco horas. O cometa desaparece. Amanhece.

NADA (*Debruçado sobre um marco, rindo e troçando.*)

Eu, Nada, a luz desta cidade pela cultura e pela instrução, um bêbado ridicularizado por todos porque é livre para desprezar as coisas e vomitar nas honrarias. Pois bem! Eu queria dar um aviso gratuito, depois destes fogos de artifício: estamos convivendo com isso e vamos conviver cada vez mais.

Vejam só! Já convivíamos com isso, mas só mesmo um bêbado para se dar conta disso. E com o que estamos convivendo? Ah! Isso cabe a vocês, homens de razão, adivinhar. Minha opinião, já formada, e estou convicto de meus princípios: a vida vale tanto quanto a morte; o homem é a madeira da qual se fazem as fogueiras. Acreditem em mim! Vocês vão ter desgostos. Este cometa é um mau agouro. É um alerta!

Isto lhes parece falso? Eu já esperava. Enquanto vocês fazem as suas três refeições diárias, trabalham as suas oito horas e mantêm suas duas mulheres, imaginam que tudo está na mais perfeita ordem. Não, vocês não estão em ordem, mas em fila. Bem alinhados, a fisionomia serena, já maduros para a calamidade. Vamos, minha boa gente, a advertência foi feita; eu estou com a consciência tranqüila. Mas não se apavorem, há quem cuide de vocês lá em cima. E sabem bem o que isto significa: lá eles são osso duro de roer.

O JUIZ

Chega de blasfemar, Nada. Há muito que você toma essas liberdades com o céu.

NADA

E eu lá falei do céu, juiz? Estou de acordo com tudo o que se faz lá, sou juiz à minha maneira. Li nos livros que é melhor ser cúmplice do céu do que sua vítima. Mas acho, sinceramente, que não é o céu que está em questão. Desde que os homens se meteram a quebrar vidros e cortar cabeças que o bom Deus, embora conhecedor de música, não passa de um menino de coro, você já deve ter percebido.

O JUIZ

São os libertinos da sua laia que atraem os sinais do céu. Sim, é uma advertência. Mas apenas para aqueles que têm o coração corrompido. Temam, todos, para que o pior não aconteça, e rezem pra que Deus perdoe seus pecados. De joelhos! De joelhos!

Todos se ajoelham, menos Nada.

O JUIZ

Tema a Deus, Nada, ajoelhe-se.

NADA

Não posso, estou com o joelho duro. Agora, quanto a temer, eu já previ tudo. Mesmo o pior. E o pior, a sua moral.

O JUIZ

Você não acredita em nada, desgraçado?

NADA

Em nada deste mundo, afora o vinho. E em nada do céu.

O JUIZ

Perdoai-o, meu Deus, ele não sabe o que diz. E misericórdia para esta cidade de vossos filhos.

NADA

Ite missa est. Ei, Diego, vamos tomar algo na taberna do Cometa. Você aproveita e me conta como vão seus amores.

DIEGO

Vou me casar com a filha do juiz, Nada. A partir de agora, é melhor não ofender mais o pai dela, estaria me ofendendo também.

Trombetas. Um arauto entra cercado de guardas.

ARAUTO

Ordem do governador. Que todos se retirem e voltem para suas atividades. Os bons governos são aqueles em que nada acontece. A vontade do seu governador é que nada aconteça em seu governo e que tudo continue bem, como sempre foi. Fica assegurado aos habitantes de Cádiz que nada aconteceu hoje que valha a pena o alar-

me ou a desordem. A partir das seis horas, todos deverão considerar falsa a aparição de qualquer cometa no céu desta cidade. Aquele que não estiver de acordo com esta decisão, ou quem falar em cometas, a não ser como fenômenos siderais passados ou futuros, será punido com o rigor da lei.

Trombetas. Ele se retira.

NADA

Boa saída, hein Diego? O que me diz?

DIEGO

Isso é ridículo! Mentir é sempre ridículo.

NADA

Não, não. É uma política. E olha que eu aprovo, porque visa a eliminar tudo. Que grande governador nós temos! Se seu orçamento é deficitário, anula o *déficit*; se a esposa é adúltera, ele nega o adúlterio. Cornos, sua mulher é fiel; paralíticos, já podem andar, e cegos, vejam: esta é a hora da verdade!

DIEGO

Chega de agouro, sua velha coruja! A hora da verdade é a hora da morte.

NADA

Justamente. Que o mundo morra! Ah, se eu pudesse ter o mundo frente a frente, como um touro tremendo as patas, os olhos ardendo de ódio, a fuça rosada e a baba feito uma cortina suja! Que momento! Esta velha mão não vacilaria e cortaria o cordão da medula com um único golpe. A besta, fulminada, cairia através dos espaços intermináveis, até o fim dos tempos.

DIEGO

Você despreza demais, Nada. É melhor poupar seu desprezo, ainda vai precisar dele.

NADA

Eu não preciso de nada. Desprezo até a morte. E nada nesta terra: nem rei, nem cometa, nem moral, nunca estarão acima de mim!

DIEGO

Melhor não subir assim tão alto. Assim, vai ser menos amado.

NADA

Não desejando mais nada, fico acima de tudo.

DIEGO

Mas ninguém está acima da honra.

NADA

A honra? O que é a honra, meu filho?

DIEGO

É a honra o que me mantém de pé.

NADA

A honra é um fenômeno sideral passado ou futuro. Vamos eliminá-la.

DIEGO

Bem, Nada, preciso partir, ela me espera. Por isso não acredito nesta calamidade que está anunciando. Vou tratar de ser feliz. É um trabalho difícil, que precisa da paz nas cidades e nos campos.

NADA

Já lhe avisei, filho, já estamos convivendo com isso. Melhor não esperar nada. A comédia já vai começar. Mas talvez ainda dê tempo de ir ao mercado e beber, à morte do mundo.

Tudo se apaga.

FIM DO PRÓLOGO

Luz. Animação geral. Os gestos são mais vivos, o movimento se intensifica. Música. Os mercadores abrem suas barracas, separando os primeiros planos do cenário. A praça do mercado aparece. O coro popular, exultante, conduzido pelos pescadores, enche-a pouco a pouco.

O CORO

Nada acontece, nada acontecerá. Vamos nos tranquilizar! Vamos nos tranquilizar! Não é a calamidade, mas a abundância do verão! (*Grito de alegria.*) Mal acaba a primavera, e o alaranjado do verão é lançado a toda velocidade, erguendo-se no alto da estação e explodindo sobre a Espanha num jorro de mel. As frutas de todos os verões do mundo, uvas viscosas, melões cor de manteiga, figos carnosos, damascos em chamas, rolam nos balcões de nossos mercados. (*Grito de alegria.*) Oh, frutas! É aqui, no cesto, que vocês acabam depois da corrida longa e afobada que as traz dos campos. Lá, se carregavam de água e açúcar, sobre os ensolarados prados azuis e entre o jorrar de mil mananciais, reunidos aos poucos em uma única água, absorvida pelas raízes e pelos troncos, e conduzida ao coração das frutas onde acaba de comer lentamente como um inesgotável favo de mel, nutrindo e tornando-as maiores e mais pesadas.

Pesadas, sempre mais pesadas! E, de tão pesadas que, ao final, deslizam ao fundo da água do céu, rolam pela grama opulenta,

UMA VOZ

Que lei?

UMA OUTRA VOZ

A nova, é claro.

O CORO

Nossos senhores diziam que nos protegeriam. E agora estamos sozinhos. Brumas terríveis estão se avolumando pelos quatro cantos da cidade, dissipando, aos poucos, o cheiro das frutas e das rosas, ofuscando a glória da estação, sufocando a alegria do verão. Ah, Cádiz, cidade marítima! Ainda ontem, o vento do deserto espesso pelos jardins africanos deixaram nossas mulheres lânguidas. Mas o vento parou! Apenas ele poderia purificar nossa cidade. Nossos senhores diziam que nada aconteceria, e eis que o outro tinha razão, alguma coisa está acontecendo, e afinal cá estamos convivendo com esta coisa. Resta fugir, fugir antes que seja tarde, antes que as portas se fechem sobre nossa desgraça.

O SEGUNDO MENSAGEIRO

Todos os artigos de primeira necessidade estarão, a partir de agora, à disposição da comunidade; ou seja, serão distribuídos, em partes iguais e ínfimas, a todos aqueles que provarem sua lealdade à nova sociedade.

A primeira porta se fecha.

O TERCEIRO MENSAGEIRO

Todas as fontes de luz deverão ser apagadas às nove horas da noite, e nenhum indivíduo poderá permanecer em lugar público, ou circular pelas ruas da cidade sem um passe, devidamente carimbado, entregue apenas em alguns poucos casos e sempre de modo arbitrário. Quem contrariar estas disposições será punido com o rigor da lei.

VOZES (*Crescendo.*)

- Estão fechando as portas.
- As portas já estão fechadas.
- Não, não, nem todas estão fechadas.

O CORO

Ah! Vamos correr para as portas que ainda estão abertas. Somos os filhos do mar. Lá, lá, temos de chegar lá, ao país sem muralhas e sem portas, às praias virgens de areias frescas como lábios, onde o olhar se perde na distância. Vamos correr ao encontro do vento. Ao mar! O mar, o mar livre, a água que lava, o vento que liberta!

VOZES

Ao mar! Ao mar!

O êxodo se apressa.

O QUARTO MENSAGEIRO

Está totalmente proibida a assistência a qualquer pessoa atacada pela doença, a não ser denunciando-a às autoridades, que se encarregarão dela. A denúncia entre os membros de uma mesma família é particularmente recomendada e será recompensada com uma dupla ração alimentar, chamada ração cívica.

A segunda porta se fecha.

O CORO

Ao mar! Ao mar! O mar há de nos salvar. Ele não quer saber das doenças e das guerras, já viu e acobertou muitos governos! Quer apenas oferecer as manhãs vermelhas e as tardes verdes e, ao longo da noite, bater incessantemente suas águas debaixo do céu estrelado!

Oh! Solidão, deserto, batismo de sal! Ficar só diante do mar, contra o vento, rosto ao sol; libertado, enfim, das cidades lacradas

feito tumbas, e das caras transidas pelo medo. Depressa! Depressa! Quem me libertará do homem e seus terrores? Eu estava feliz no apogeu do ano, largado entre frutas, a natureza sempre igual, e o bem-amado verão. Amava o mundo, era a Espanha e eu. Mas já não escuto o barulho das ondas. Aqui, os clamores, o pânico, o insulto e a covardia; aqui, meus irmãos carregados de suor e angústia, agora fardos pesados demais para se arrastar. Quem me devolverá os mares do esquecimento? Quem me devolverá a água calma do alto-mar e seus caminhos? Ao mar! Ao mar, antes que as portas se fechem!

UMA VOZ

Depressa! Não encoste! Ele estava próximo ao morto!

UMA VOZ

Está marcado!

UMA VOZ

Afastem-se! Afastem-se!

Eles o golpeiam. A terceira porta se fecha.

UMA VOZ

O grande e terrível Deus!

UMA VOZ

Depressa! Pegue o que for preciso: o colchão e a gaiola dos passarinhos! Ei, não esqueça a coleira do cachorro e o pote de menta fresca! A gente vai comendo até chegar ao mar!

UMA VOZ

Ladrão! Ladrão! Roubou a toalha do meu casamento!

Perseguição. Atingem. Ferem. A quarta porta se fecha.

UMA VOZ

Vá, esconda isso, esconda nossas provisões!

UMA VOZ

Não tenho nada para a caminhada. Pelo amor de Deus, dê-me um pão, mano; e eu lhe darei minha guitarra cravejada de pérolas.

UMA VOZ

Este pão é para os meus filhos, não para quem se diz meu irmão. Existem graus de parentesco.

UMA VOZ

Um pão, todo o meu dinheiro por um único pão.

A quinta porta se fecha.

O CORO

Depressa! Apenas uma porta ainda está aberta! A praga corre mais rápido que nós. Ela odeia o mar e não quer que o encontremos. As noites são tranqüilas, as estrelas passeiam sobre o mastro. O que faria a peste aqui? Ela quer nos abrigar, ama-nos a seu modo. Quer que sejamos felizes como ela entende, e não como queremos. São os prazeres forçados, a vida fria, a felicidade eterna. Tudo se fixa; já não se sente mais nos nossos lábios o antigo frescor do vento.

UMA VOZ

Padre, não me abandone, sou seu pobre.

O padre foge.

O POBRE

Está fugindo! Está fugindo! Proteja-me, deixe que eu fique perto! É seu dever cuidar de mim! Se eu o perco, então tudo estará perdido!

O padre escapa. O pobre tomba gritando.

O POBRE

Cristãos da Espanha, vocês estão abandonados!

O QUINTO MENSAGEIRO (*Separando as palavras.*)

Enfim, e isto será o resumo.

A Peste e sua secretária, diante do primeiro alcaide, aprovam e se congratulam.

O QUINTO MENSAGEIRO

Para evitar todo contágio pela comunicação do ar, pois as próprias palavras podem ser o veículo da infecção, fica ordenado, a todos os habitantes, que mantenham constantemente na boca um tampão embebido em vinagre, que os preservará do mal e os induzirá à criação e ao silêncio.

A partir deste momento, cada personagem coloca um lenço na boca e o número de vozes diminui, assim como a orquestra. O coro, que começou com várias vozes, acabará com uma única voz até a pantomima final, que se desenvolve em absoluto silêncio. As bocas dos personagens inchadas e fechadas.

A última porta se fecha com um golpe brusco.

O CORO

Desgraça! Desgraça! Agora estamos sozinhos: nós e a Peste! A última porta se fechou! Já não se ouve mais nada. O mar agora está longe demais. Estamos no meio da dor, dando voltas nesta cidade

estreita, sem árvores nem água, trancada por altas portas lisas, coarada por uma multidão ululante. Cádiz, enfim, como a arena negra e vermelha onde acontecerão os assassinatos rituais. Irmãos, esta punição é maior do que nosso pecado — não merecemos esta prisão! Nosso coração não era inocente, mas amávamos o mundo e seus verões; isto seria o bastante para nos salvar! Os ventos pararam e o céu está vazio! Vamos nos calar por muito tempo. Mas, ainda uma última vez, antes que nossas bocas sejam amordaçadas pelo terror: vamos gritar pelo deserto!

Gemidos e silêncio.

Da orquestra, restam apenas os sinos. O zunido do cometa recomeça suavemente. Do palácio do governador reaparecem a Peste e sua secretária. A secretária avança, riscando um nome a cada passo, enquanto a bateria marca cada um dos seus gestos. Nada ri com escárnio e a primeira carroça dos mortos passa rangendo.

A Peste se ergue no alto do cenário e faz um sinal.

Tudo pára, movimentos e ruídos.

A Peste fala.

A PESTE

Eu reino, é um fato, logo um direito. No entanto, um direito que não se discute: vocês têm de se adaptar.

Porém, não se enganem: se reino, é à minha maneira, e é justo dizer como funciona. Vocês, espanhóis, são um tanto imaginativos e facilmente me veriam como um rei negro ou um suntuoso inseto. Falta-lhes o patético, já é sabido! Pois bem! Não, eu não empunho um cetro, e tenho ares de suboficial. É minha maneira de envergonhá-los; porque é bom que estejam envergonhados: vocês têm muito que aprender. Seu rei tem as unhas negras e o uniforme sóbrio. Não reina, sitia. Seu palácio é um quartel; seu pavilhão de caça, um tribunal. Fica proclamado o estado de sítio.

Por isso, o patético desaparece quando chego. Fica proibido o patético, bem como outras pilhérias como a ridícula angústia da felicidade, o rosto idiota dos apaixonados, a contemplação egoísta das paisagens e a maldita ironia. Em lugar de tudo isto, trago a organização. No início, talvez fiquem um pouco incomodados, mas vão compreender, mais cedo ou mais tarde, que mais vale uma boa organização do que um patético ruim. E para ilustrar este belo pensamento, começo por separar os homens das mulheres: isto terá força de lei.

Assim fazem os guardas.

A PESTE

Suas macaquices chegaram ao fim. Vamos falar sério!

Acho que já me entenderam. A partir de hoje, vocês vão aprender a morrer em ordem. Até hoje, vocês morriam à espanhola, um pouco ao acaso, fortuitamente, por assim dizer. Morriam porque fazia frio após ter feito calor, porque suas mulas tropeçavam, porque a linha dos Pireneus estava azul, porque na primavera o rio Guadalquivir é atraente para o solitário, ou porque existem imbecis malcriados, que matam em proveito próprio ou pela honra, quando é muito mais distinto matar pelos prazeres da lógica. Sim, vocês morrem muito mal. Um morto aqui, outro acolá, um na cama, o outro na arena: libertinagem total. Mas, felizmente, esta desordem será administrada. Uma única morte pra todos; e de acordo com a bela ordem de uma lista. Todos terão suas fichas, ninguém morrerá mais por capricho. O destino, a partir de agora, é programado, já instalou seus escritórios. Vocês irão figurar nas estatísticas e, enfim, servirão para alguma coisa. Ah! Ia me esquecendo de dizer, vocês morrerão, claro está, mas serão incinerados em seguida, ou mesmo antes: é mais limpo e faz parte do plano. A Espanha em primeiro lugar!

Pôr-se em fila para morrer bem, isto é o principal! A este preço, gozarão de meus favores. Mas atenção às idéias insensatas, aos fu-

rores da alma, como vocês dizem, com as pequenas febres que fazem as grandes rebeliões. Acabei com estas complacências e coloquei a lógica em seu lugar. Abomino a diferença e a falta de razão. A partir de hoje serão racionalizados, ou seja, terão suas insígnias. Marcados nas virilhas, portarão publicamente, sob as axilas, a "estrela do tumor", que os designará para serem golpeados. Os outros, convencidos de que nada disto lhes diz respeito, esperarão na fila, na arena do domingo. Certamente se afastarão de vocês, os suspeitos. Mas nada de rancores: isto também lhes diz respeito. Eles estão na lista e eu não me esqueço de ninguém. Todos suspeitos, é um bom começo.

Porém, nada disso impede sentimentalismos. Amo os pássaros, as flores, os lábios vermelhos das moças. De vez em quando, é refrescante, e é bem verdade que sou um idealista. Meu coração... bem, meu coração está amolecendo e não quero ir além. Em resumo: trago o silêncio, a ordem, e a justiça absoluta. Não espero agradecimentos, o que faço por vocês é natural. Mas exijo colaboração ativa. Meu ministério começou.

PANO

O PESCADOR

Desculpe-me...

A SECRETÁRIA (*Voltando-se para Diego e Vitória.*)
Até breve! (*Ao pescador.*) O que foi agora?

O PESCADOR (*Com uma fúria crescente.*)
... mas estou vindo do primeiro andar, e lá me responderam que eu tinha de voltar aqui para obter o certificado de existência, sem o qual não me darão o certificado de saúde.

A SECRETÁRIA

É clássico!

O PESCADOR

Como assim, clássico?

A SECRETÁRIA

Sim, isso prova que esta cidade está começando a ser administrada. Estamos convictos de que são culpados*. Culpados de serem governados, é claro. Mas é preciso que vocês mesmos se sintam culpados. E não se culparão enquanto não se sentirem cansados. A gente está cansando vocês, é tudo. Quando estiverem exaustos, o resto vai por si.

O PESCADOR

Mas não posso, ao menos, receber este maldito certificado de existência?

*"Preciso de culpados", dizia o imperador em *Calígula* (ato I, cena XI). (N. do editor francês.)

A SECRETÁRIA

A princípio, não. Você precisa, antes, de um certificado de saúde para obter um certificado de existência. Aparentemente, não há saída.

O PESCADOR

E então?

A SECRETÁRIA

Então, resta a nossa boa vontade. Mas ela é de curto prazo, como toda boa vontade. Nós vamos lhe dar um certificado como um favor especial. Será válido por apenas uma semana. Em uma semana, veremos.

O PESCADOR

Veremos o quê?

A SECRETÁRIA

Veremos se é possível renovar.

O PESCADOR

E se ele não for renovado?

A SECRETÁRIA

Sua existência não terá mais garantia. Teremos de executar, então, uma radiação. Senhor alcaide, providencie este certificado em treze exemplares.

O PRIMEIRO ALCAIDE

Treze?

A SECRETÁRIA

Sim! Um para o interessado e doze para o bom funcionamento.

Luz ao centro.

A PESTE

Dê início aos grandes trabalhos inúteis. Você, querida amiga, traga o balanço das deportações e das concentrações. Ative a transformação dos inocentes em culpados para que a mão-de-obra lá seja suficiente. Deporte o que for importante. Seguramente, vamos precisar de homens! Como está o recenseamento?

A SECRETÁRIA

Está em curso, tudo vai bem, e me parece que esta boa gente me compreendeu!

A PESTE

Você se comove muito facilmente, minha querida amiga. Quer ser compreendida. Mas isso é uma falha em nosso *métier*. Esta "boa gente", como você diz, não compreendeu nada, é claro. Mas isso não tem a menor importância! O essencial não é que cada um deles compreenda, mas que se execute. Viu que expressão plena de sentido? Não acha?

A SECRETÁRIA

Que expressão?

A PESTE

"Se execute." Vamos, vocês, executem-se, executem-se! Hein? Que fórmula!

A SECRETÁRIA

Magnífica!

A PESTE

Magnífica! Tudo está afl Primeiro, a imagem da execução, que é uma imagem emocionante. Depois, a idéia de que o executado co-

labora para a própria execução, o objetivo e a consolidação de todo bom governo!*

Um barulho ao fundo.

A PESTE

O que é isto?

A SECRETÁRIA

São as mulheres que se agitam.

O CORO

Esta tem algo a dizer.

A PESTE

Aproxime-se.

UMA MULHER (*Aproximando-se.*)

Onde está meu marido?

A PESTE

Bem, bem! É o coração humano, como vocês dizem! O que aconteceu com seu marido?

A MULHER

Ele não voltou.

*Governo: "Eni suma, o condenado foi obrigado a colaborar moralmente. Era seu interesse que tudo corresse sem empecilhos." (*O estrangeiro*). (N. do editor francês.)

A PESTE

Que coisa vulgar! Não se preocupe, ele já encontrou uma cama.

A MULHER

É um homem e merece respeito.

A PESTE

Uma fênix, naturalmente! Cuide disso, querida amiga.

A SECRETÁRIA

Nome e sobrenome!

A MULHER

Galvez, Antonio.

A secretária olha seu caderno e fala ao ouvido da Peste.

A SECRETÁRIA

Bem, alegre-se, a vida dele está salva.

A MULHER

Que vida está salva?

A SECRETÁRIA

Uma vida boa.

A PESTE

Sim, deportei-o junto com alguns outros que faziam barulho. Mas depois resolvi poupá-los.

A MULHER

O que fez deles?

A PESTE (*Com uma raiva histérica.*)

Eu os concentrei. Até hoje, viviam espalhados e na frivolidade — um pouco dispersos, por assim dizer! Agora são um bloco coeso, concentraram-se!

A MULHER (*Fugindo em direção ao coro que se abre para acolhê-la.*)

Ah! Desgraça! Pobre de mim!

O CORO

Desgraça! A desgraça se abateu sobre nós!

A PESTE

Silêncio! Não fiquem aí parados! Façam alguma coisa! Ocupem-se! (*Sonhador.*) Eles se executam, se ocupam e se concentram. Que coisa boa é a gramática, serve para tudo!

Luz rápida na portaria onde Nada está sentado com o alcaide. Diante dele, filas de administrados.

UM HOMEM

A vida está mais cara e os salários não são suficientes.

NADA

Nós sabemos disso e aqui está a nova tabela. Acabou de ser reajustada.

O HOMEM

E qual é a porcentagem de aumento?

NADA (*Lendo.*)

É muito simples! Tabela número 108. "O decreto de revalorização dos salários interprofissionais e subsequentes estabelece a supres-

são do salário base e liberação incondicional das escalas móveis, que recebem, assim, licença de chegar a um salário máximo, a ser previsto. As escalas, subtraindo os aumentos consentidos ficticiamente pela tabela número 107, continuarão sendo calculadas. No entanto, fora das modalidades propriamente ditas de reclassificação sobre o salário-base anteriormente suprimido."

O HOMEM

Mas qual é o aumento que isso representa?

NADA

O aumento fica para mais tarde, a tabela é para hoje. Nós aumentamos um índice, é tudo.

O HOMEM

Mas o que você quer que a gente faça com esta tabela?

NADA (*Berrando.*)

Que comam! O seguinte. (*Outro homem se apresenta.*) Ah! Quer abrir um negócio. Boa idéia, palavra de honra. Bem, comece preenchendo este formulário. Meta seus dedos nesta tinta. Aperte-os aqui. Perfeito.

O HOMEM

Onde posso me limpar?

NADA

Onde posso me limpar? (*Ele folheia uma pasta.*) Em nenhum lugar. Não está previsto no regulamento.

O HOMEM

Mas eu não posso ficar assim.

NADA

Por que não? O que tem isso? Você não tem sequer o direito de tocar na sua mulher. E depois, é bom para o seu caso.

O HOMEM

Como assim, bom?

NADA

Sim, isto o humilha, logo é bom. Mas, voltemos ao seu negócio. Prefere se beneficiar do artigo 208 do capítulo 62 da décima sexta circular que consta para o quinto regulamento geral, ou da alínea 27 do artigo 207 da circular 15 do regulamento particular?

UM HOMEM

Mas não conheço nenhum dos dois textos!

NADA

Mas é claro, homem! Claro que não os conhece. Eu também não. Mas como é preciso decidir, você será beneficiado com os dois ao mesmo tempo.

O HOMEM

Não. É muito, Nada. Eu lhe agradeço.

NADA

Não agradeça. Parece que um destes artigos lhe dá o direito de ter a sua loja, mas o outro lhe retira o direito de vender qualquer coisa.

A SECRETÁRIA

Há um defeito, meu querido. Pelo que eu saiba, sempre bastou que um homem vença seu medo e se revolte para que a máquina comece a falhar. Não digo que ela pare, longe disso. Mas, enfim, ela falha e, às vezes, degradingola completamente.

Silêncio.

DIEGO

Por que está me dizendo isto?

A SECRETÁRIA

Você sabe, cansa fazer o que eu faço, temos nossas fraquezas. E, depois, você descobriu por conta própria.

DIEGO

Teria sido poupado, se não lhe tivesse dado um tapa?

A SECRETÁRIA

Não. Eu vim para acabar com você, de acordo com o regulamento.

DIEGO

Então, eu sou o mais forte!

A SECRETÁRIA

Ainda está com medo?

DIEGO

Não.

A SECRETÁRIA

Então, não posso fazer nada contra você. Isto também está no regulamento. Mas posso lhe dizer: é a primeira vez que este regulamento tem a minha aprovação.

Ela se retira docemente. Diego tateia o próprio corpo, olha ainda sua mão e vira-se bruscamente na direção dos gemidos.

Ele vai, em meio ao silêncio, até um doente amordaçado. Cena muda. Diego avança a mão para a mordaza e a retira.

É o pescador. Olham-se em silêncio, e depois:

O PESCADOR

Boa noite, irmão. Há muito tempo que eu não falava.

Diego sorri para ele.

O PESCADOR (*Erguendo os olhos ao céu.*)

O que é isto?

O céu clareou, de fato. Sopra uma brisa, que sacode uma das portas, fazendo com que algumas cortinas flutuem.

O povo as cerca agora. Mordaças desatadas, os olhos levantados para o céu.

DIEGO

O vento do mar...

PANO

CONTINUA

... e a sua natureza, e a sua duração, e a sua...

CONTINUA

... e a sua natureza, e a sua duração, e a sua...

CONTINUA

... e a sua natureza, e a sua duração, e a sua...

CONTINUA

... e a sua natureza, e a sua duração, e a sua...

Terceira Parte

... e a sua natureza, e a sua duração, e a sua...

... e a sua natureza, e a sua duração, e a sua...

... e a sua natureza, e a sua duração, e a sua...

... e a sua natureza, e a sua duração, e a sua...

... e a sua natureza, e a sua duração, e a sua...

... e a sua natureza, e a sua duração, e a sua...

... e a sua natureza, e a sua duração, e a sua...

Os habitantes de Cádiz se agitam na praça. Postado um pouco acima deles, Diego dirige os trabalhos. Luz brilhante que torna os cenários da Peste menos impressionantes porque já estão mais construídos.

DIEGO

Apaguem as estrelas!

Apagam-se.

DIEGO

Abram as janelas!

As janelas se abrem.

DIEGO

Ar! Ar! Vamos reunir os doentes!

Movimentos.

DIEGO

Não tenham mais medo, esta é a condição. De pé, quem puder! Por que estão recuando? Vamos, levantem a cabeça: está na hora de mostrar nosso orgulho! Joguem fora as mordanças, e gritem comigo que não sentem mais medo. *(Levanta o braço.)* Ó santa revolta, viva negação, honra de um povo: dê a estes amordaçados a força do seu grito.

O CORO

Estamos ouvindo, irmão. Nós, os miseráveis, que vivemos de azeitona e pão; para quem uma mula é uma fortuna: nós que só bebemos vinho duas vezes por ano, quando nascemos e quando casamos, começamos a ter esperança! Mas o antigo temor ainda não abandonou nossos corações. A azeitona e o pão dão gosto à vida! Mesmo tendo tão pouco, temos medo de tudo perder, junto com a vida.

DIEGO

Vocês vão perder até a azeitona e o pão se deixarem tudo como está! Hoje, é preciso vencer o medo, se ainda quiserem, ao menos, conservar o pão. Desperte, Espanha!

O CORO

Somos pobres e ignorantes. Mas nos disseram que a peste segue as mesmas estações do ano. Ela tem sua primavera, em que germina e brota; e seu verão, em que frutifica. Mas virá o inverno e quem sabe ela morra. Mas estamos no inverno, irmão, estamos no inverno? O vento que soprou veio mesmo do mar? A gente sempre pagou tudo com a moeda da miséria. Será mesmo preciso pagar com a moeda do nosso sangue?

CORO DAS MULHERES

De novo, uma tarefa para homens! Estamos aqui para lembrá-los das horas sem nada para fazer, do cravo dos dias, da lã negra das ovelhas, enfim, do perfume da Espanha! Somos fracas, nada podemos contra vocês e seus ossos fortes. Mas, o que quer que façam, não se esqueçam de nossas carnes em flor, nas suas lutas nas sombras!

DIEGO

É a peste que nos descarna, ela separa os amantes e murcha a flor dos dias! É contra ela que precisamos lutar.

O CORO

Será mesmo o inverno? Nas nossas florestas, os carvalhos estão sempre cobertos de frutos, cheios de cera e do seu tronco brotam vespas! Não! Não é ainda o inverno!

DIEGO

Atravessem o inverno da cólera!

O CORO

Mas vamos encontrar a esperança, no final de nossa caminhada? Ou vamos morrer desesperados?

DIEGO

Quem fala em desespero? O desespero é uma mordaca. E o trovão da esperança, o clarão da felicidade dilaceram o silêncio desta cidade sitiada. De pé! Se quiserem ainda conservar o pão e a esperança, destruam os certificados de existência, quebrem os vidros dos escritórios, abandonem as filas do medo e gritem a liberdade pelos quatro cantos do céu!

O CORO

Somos os mais miseráveis! A esperança é nossa única riqueza, como nos privaríamos dela? Irmão, vamos arrancar estas mordacas! (*Grande grito de liberação.*) Ah! Cai a primeira chuva sobre esta terra seca, rachada pelo calor! Vem o outono que tudo verdeja; vem o vento fresco do mar. A esperança nos levanta como uma onda.

Diego sai.

Entra a Peste, no mesmo nível que Diego, mas do outro lado. A secretária e Nada a seguem.

A SECRETÁRIA

Que história é essa agora? Deram para ficar tagarelando? Reponham suas mordanças!

Alguns, no meio, repõem suas mordanças. Mas outros se unem a Diego. Eles se agitam ordenadamente.

A PESTE

Estão começando a se agitar.

A SECRETÁRIA

Como de costume.

A PESTE

É preciso endurecer as medidas!

A SECRETÁRIA

Vamos endurecer, então!

Ela abre seu caderno e folheia com um pouco de cansaço.

NADA

Que assim seja! Estamos indo por um bom caminho! Ser ou não ser obediente ao regulamento, esta é toda moral e toda filosofia! Mas, na minha opinião, Excelência, a gente não vai muito longe.

A PESTE

Você está falando demais!

NADA

É porque estou entusiasmado. E aprendi muitas coisas com vocês. Eliminar tudo: este é o meu evangelho. Mas, até hoje, não tinha boas razões. Agora, tenho a razão do regulamento!

A PESTE

Mas o regulamento não elimina tudo. Você não está colaborando muito. Melhor ficar atento!

NADA

Não se esqueçam, já havia regulamentos antes de vocês. Mas faltava inventar o regulamento global, o saldo de toda essa conta, a espécie humana posta no index, a vida inteira controlada por uma tábua de leis, todo o universo disponível, o céu e a terra, enfim, sem valor...

A PESTE

Volte para o seu trabalho, seu bêbado. E você, vamos com isso!

A SECRETÁRIA

Por onde começamos?

A PESTE

Pelo acaso. É mais surpreendente.

A secretária risca dois nomes. Golpes surdos de advertência. Dois homens caem. Refluxo. Os que trabalham param petrificados. Os guardas da Peste correm, recolocam as cruzes nas portas, fecham as janelas, misturam os cadáveres etc.

DIEGO (Ao fundo, com uma voz tranqüila.)

Viva a morte, ela não nos assusta mais.

Fluxo. Os homens recomeçam o trabalho. Os guardas recuam. Pantomima idêntica, mas ao inverso. O vento sopra quando o povo se aproxima, reflui quando os guardas voltam.

UMA VOZ

Maldita! A gente tem mais é que eliminar você!

Uma mão lhe arranca o caderno e, todos folheando, encontram seu nome, e uma mão risca. A filha tomba sem um grito.

NADA (Berrando.)

Adiante! Todos unidos para eliminar tudo! O negócio agora não é mais eliminar, agora é se eliminar! Todos juntos, vamos: oprimidos e opressores, de mãos dadas! Vamos, touro! É a limpeza geral!

Vai embora.

UM HOMEM (Enorme e que segura o caderno.)

É bem verdade que há algumas limpezas a fazer! É uma chance de murchar alguns filhos da puta que engordavam enquanto a gente morria de fome.

A Peste, que acabou de reaparecer, lança uma gargalhada prodigiosa, enquanto a secretária volta discretamente ao seu lugar, do lado da Peste. Todos imóveis, os olhos elevados, esperam sobre o platô, enquanto os guardas da Peste se espalham por todos os lugares a fim de restabelecer o cenário e os sinais da Peste.

A PESTE (A Diego.)

Olhe! Eles mesmos estão fazendo o nosso trabalho! Acha mesmo que merecem sua luta por eles?

Mas Diego e o pescador saltaram sobre o platô, jogando-se sobre o homem do caderno, esbofeteando-o e atirando-o ao chão. Diego pega o caderno e o rasga.

A SECRETÁRIA

É inútil. Tenho uma cópia.

Diego repreende os homens do outro lado.

DIEGO

Vamos à luta! Vocês foram enganados!

A PESTE

O medo que sentem, eles sofrem sozinhos. Mas o ódio é pelos outros.

DIEGO (Que volta a ficar de frente.)

Nem medo, nem ódio, esta é a nossa vitória.

Refluxo progressivo dos guardas diante dos homens de Diego.

A PESTE

Silêncio! Sou eu quem azeda o vinho e seca as frutas. Mato a folha da parreira quando vai dar uvas e a deixo verde quando vai alimentar o fogo. Suas alegrias simples me horrorizam; este país, onde se pretende ser livre sem ser rico, me horroriza. Tenho as prisões, os carrascos, a força e o sangue! Esta cidade será arrasada e, sobre seus escombros, a história vai agonizar no silêncio das sociedades perfeitas. Silêncio, ou arrebento com tudo.

Luta em mímica, junto a um barulho impressionante: ranger do garrote, zunido, golpes de radiações, maré de slogans.

Mas à medida que a luta vai se definindo a favor dos homens de Diego, o tumulto diminui e o coro, ainda que indistintamente, sufoca os barulhos da Peste.

A PESTE (*Com um gesto de raiva.*)

Sobram os reféns!

Faz um sinal. Os guardas da Peste deixam a cena enquanto os outros se reagrupam.

NADA (*No alto do palácio.*)

Sempre sobra alguma coisa. Tudo continua a não continuar. Meus escritórios também continuam. A cidade desmoronaria, o céu estilhaçaria, os homens desertariam a terra, e os escritórios abririam sempre no mesmo horário. Para administrar o nada! Eu sou a eternidade, e meu paraíso tem arquivos e mata-borrões.

Sai.

O CORO

Estão fugindo. O verão termina com vitória: enfim, o homem triunfa! E a vitória tem o corpo de nossas mulheres sob a chuva do amor. É a carne feliz, brilhante e quente, cacho de setembro onde o zangão se esconde. Sobre a eira do ventre esparramam-se as colheitas da vinha. As uvas colhidas queimam sobre os bicos dos seios bêbados. Ó meu amor, o desejo rebenta como um fruto maduro, e a glória dos corpos, enfim, escorre. Em todos os cantos do céu, mãos misteriosas estendem suas flores e um vinho amarelo emana de fontes inesgotáveis. São as festas da vitória. Vamos buscar nossas mulheres!

Trazem, em silêncio, uma maca onde está estendida Vitória.

DIEGO (*Apressando-se.*)

Oh! Dá vontade de matar ou morrer! (*Aproxima-se do corpo, que parece inanimado.*) Magnífica, vitoriosa, selvagem como o amor; vire seu rosto um pouco para mim! Volte, Vitória! Não se deixe

levar para o outro lado do mundo, onde não poderei encontrá-la! Não me abandone, a terra está fria. Meu amor, meu amor! Fique firme, fique firme nesta porção de terra, onde ainda estamos! Não se deixe afundar! Se você morrer, os dias que me restam serão como noite em pleno meio-dia!

O CORO DAS MULHERES

Agora, chegamos à verdade. Até agora, não era sério, mas nesta hora um corpo sofre e se contorce. Tantos gritos — a mais bela das linguagens — de vivas à morte, e logo a própria morte vem rasgar a garganta de quem amamos! Então, o amor retorna, quando já passou seu tempo.

Vitória geme.

DIEGO

Ainda há tempo, ela vai se levantar. Você vai ficar cara a cara comigo novamente; erguida como uma tocha, com as chamas negras do seu cabelo e este rosto iluminado pelo amor. Seu deslumbramento me acompanhava nas noites de combate. Quando a levava comigo, meu coração suportava tudo.

VITÓRIA

Você vai esquecer, Diego, estou certa. Seu coração não vai suportar a ausência. Não suportou a desgraça. Ah! Que tormento insuportável: morrer, sabendo que vai ser esquecida.

Ela se vira.

DIEGO

Não vou esquecer você. Minha memória será maior que minha vida.

O CORO DAS MULHERES

Ó corpo que sofre, antes tão desejável, beleza real, reflexo do dia!
O homem grita para o impossível, a mulher sofre tudo o que é possível. Curve-se, Diego! Grite sua dor, acuse-se, é o instante do arrependimento! Desertor! Este corpo era sua pátria, sem ela você não é mais nada! Sua memória não vai compensar nada!

*A Peste chegou suavemente perto de Diego.
Apenas o corpo de Vitória os separa.*

A PESTE

E então, renunciamos? *(Diego olha o corpo de Vitória com desespero.)* Você não tem mais forças! Seu olhar está perdido. E eu tenho o olhar fixo do poder.

DIEGO *(Após um silêncio.)*

Deixe-a viver e me mate.

A PESTE

O quê?

DIEGO

Proponho uma troca.

A PESTE

Que troca?

DIEGO

Quero morrer no lugar dela.

A PESTE

É uma daquelas idéias que se tem quando se está exausto. Não é nada agradável morrer, e o pior para ela já foi feito. Vamos deixar como está!

DIEGO

É uma daquelas idéias que se tem quando se é o mais forte!

A PESTE

Olhe para mim: eu sou a própria força!

DIEGO

Tire o uniforme.

A PESTE

Você está louco!

DIEGO

Dispa-se! Quando os homens da força tiram o uniforme, não são mais bonitos de se ver!

A PESTE

Talvez. Mas a força deles é ter inventado o uniforme.

DIEGO

A minha é negá-lo. Mantenho minha proposta.

A PESTE

Pense, pelo menos. A vida tem coisas boas.

DIEGO

Minha vida não é nada. O que está em jogo são as razões da minha vida. Eu não sou um cachorro.

A PESTE

E o primeiro cigarro, não é nada? E o cheiro da poeira ao meio-dia nos aterros, as chuvas da noite, a mulher ainda desconhecida, a última taça de vinho, não são nada?

DIEGO

É alguma coisa. Mas ela vai viver melhor que eu!

A PESTE

Não se você desistir de cuidar dos outros.

DIEGO

O caminho que sigo não se pode parar. Mesmo que se deseje. Não o pouparei.

A PESTE (Mudando de tom.)

Escute. Se me oferece a sua vida em troca da vida dela, vou ter de aceitar, e esta mulher viverá. Mas faço-lhe outra proposta: dou a vida desta mulher e os deixo fugir juntos, se concordar em deixar a cidade para mim.

DIEGO

Não. Conheço meus poderes.

A PESTE

Neste caso, vou ser franco com você. Preciso ser o senhor da cidade, ou então não serei senhor de nada. Se você me escapa, escapa-me a cidade. É a regra. Uma velha regra, que não sei de onde vem.

DIEGO

Mas eu sei! Vem da profundeza das eras. É maior que você, é maior que a sua força: é a regra da natureza. Nós vencemos.

A PESTE

Ainda não! Tenho este corpo, é minha refém. É minha última carta na manga. Olhe. Se alguma mulher tem o rosto da vida, é esta. Ela merece viver e você quer fazê-la viver. Estou sendo constrangido a

entregá-la a você. Mas tanto pode ser contra sua própria vida, quanto contra a liberdade desta cidade. Escolha.

Diego olha Vitória. Ao fundo, murmúrios de vozes amordaçadas. Diego se volta para o coro.

DIEGO

É duro morrer.

A PESTE

É duro.

DIEGO

Mas é duro para todos.

A PESTE

Imbecil! Dez anos do amor desta mulher valem mais que um século de liberdade destes homens.

DIEGO

O amor desta mulher é o meu reino. Posso fazer dele o que quiser. Mas a liberdade destes homens pertence a eles, e eu não posso dispor dela.

A PESTE

Não dá para ser feliz sem fazer mal aos outros. É a justiça desta terra.

DIEGO

Não nasci para aprovar esta justiça.

A PESTE

Quem lhe pediu para aprovar? A ordem do mundo não vai mudar ao sabor das suas vontades! Se você quer mudá-la, pare de sonhar e preste atenção às coisas como elas são.

DIEGO

Não, conheço bem a receita: matar para eliminar o assassinato, violentar para reparar a injustiça. Há séculos que é assim: os senhores da sua raça apodrecem a chaga do mundo, sob o pretexto de curá-la. E continuam se vangloriando de sua receita, pois ninguém ri na cara deles.

A PESTE

Ninguém ri porque eu realizo. Sou eficiente.

DIEGO

Eficiente, é claro! E prático também, como o machado.

A PESTE

Basta olhar os homens. A gente sabe que qualquer justiça é boa demais para eles.

DIEGO

Desde que as portas desta cidade se fecharam, tive todo o tempo para olhá-los.

A PESTE

Ah! Então você já sabe que eles sempre irão deixá-lo sozinho. E o homem sozinho deve morrer.

DIEGO

Não, é mentira! Se eu estivesse só, tudo seria mais fácil. Mas, por bem ou por mal, eles estão comigo.

A PESTE

É um belo rebanho, na verdade, mas cheira mal!

DIEGO

Sei que não são puros. Nem eu. De mais a mais, nasci entre eles. Vivo para minha cidade e para o meu tempo.

A PESTE

O tempo dos escravos!

DIEGO

O tempo dos homens livres!

A PESTE

Você me espanta. Tenho procurado por eles em vão. Onde estão?

DIEGO

Nos seus presídios e nos seus cemitérios. Os escravos estão nos tronos.

A PESTE

Vista seus homens com o traje da minha polícia e verá no que eles se transformam.

DIEGO

É bem verdade que lhes acontece de serem covardes e cruéis. Por isso não têm mais direito que você ao poder. Ninguém tem tanta virtude para merecer o poder absoluto. Mas, também por isso, estes homens têm o direito à compaixão que lhes será negada.

A PESTE

Covardia é viver como eles: pequenos, necessitados, sempre medianos.

DIEGO

É como medianos que estou com eles. E, se não posso ser fiel à pobre verdade que partilho com eles, como poderia ser fiel ao que tenho de superior e mais individual?

A PESTE

A única fidelidade que conheço é o desprezo. (*Mostra o coro abatido no pátio.*) Olhe, vale a pena!

DIEGO

Desprezo apenas os carrascos.* Faça o que fizer, estes homens sempre serão maiores que você. Se chegam a matar, é na loucura do momento. Mas você massacra segundo a lei e a lógica. Não zombe de suas cabeças baixas: há séculos que o cometa do medo passa sobre eles. Não ria de seu ar atemorizado: há séculos que eles morrem e seu amor é dilacerado. O maior crime deles terá sempre um motivo. Mas não encontro motivo para o crime que, em todos os tempos, cometeram contra eles, e que você arrematou, quando teve a idéia de oficializar na sua ordem imunda. (*A Peste avança contra ele.*) Não vou abaixar meus olhos!

A PESTE

Estou vendo que não vai abaixar! Então, é melhor dizer: você acaba de triunfar na última prova. Se tivesse deixado esta cidade comigo, teria perdido esta mulher e estaria perdido com ela. No entanto, esta cidade tem todas as possibilidades de ser livre. Veja, basta um insano como você... o insano morre, evidentemente. Mas, no fim, mais cedo ou mais tarde, os demais se salvam! (*Sombrio.*) E os demais não merecem ser salvos.

*"Detesto apenas os carrascos", escreve Camus no prefácio da edição italiana das *Cartas a um amigo alemão*. (N. do editor francês.)

DIEGO

O insano morre...

A PESTE

Ah! Está voltando atrás? Mas não, isto é clássico: o segundo de hesitação! O orgulho será mais forte.

DIEGO

Tinha sede de honra. E será que hoje só vou encontrar a honra entre os mortos?

A PESTE

Eu lhe disse, o orgulho os mata. Mas isso é muito cansativo para o velho homem que estou me tornando. (*Com uma voz dura.*) Prepare-se.

DIEGO

Estou pronto.

A PESTE

Olhe as marcas. Elas doem. (*Diego olha com horror as marcas que estão novamente em seu corpo.*) Isso, sofra um pouco antes de morrer. Isto, pelo menos, está de acordo com a minha regra. Quando o ódio me queima, o sofrimento do outro é um orvalho para mim. Gema um pouco, é bom. E deixe-me vê-lo sofrer antes de abandonar esta cidade. (*Olha a secretária.*) Ei, vamos, você, agora ao trabalho!

A SECRETÁRIA

Sim, se é preciso.

A PESTE

Ah! Está cansada, hein?

A secretária faz que sim com a cabeça e, no mesmo instante, muda bruscamente de aparência. É uma velha com a máscara da morte.

a nossa cólera. Proclama a reunião de todos os homens do mar, a reunião dos solitários. Ó vaga, ó mar, pátria dos rebelados: aqui está o seu povo que nunca vai ceder. A onda profunda, alimentada pela violência das águas, arrastará suas cidades destruídas.

PANO

1955

Dossiê

- 1955
- 1956
- 1957
- 1958
- 1959
- 1960
- 1961
- 1962
- 1963
- 1964
- 1965
- 1966
- 1967
- 1968
- 1969
- 1970
- 1971
- 1972
- 1973
- 1974
- 1975
- 1976
- 1977
- 1978
- 1979
- 1980
- 1981
- 1982
- 1983
- 1984
- 1985
- 1986
- 1987
- 1988
- 1989
- 1990
- 1991
- 1992
- 1993
- 1994
- 1995
- 1996
- 1997
- 1998
- 1999
- 2000
- 2001
- 2002
- 2003
- 2004
- 2005
- 2006
- 2007
- 2008
- 2009
- 2010
- 2011
- 2012
- 2013
- 2014
- 2015
- 2016
- 2017
- 2018
- 2019
- 2020
- 2021
- 2022
- 2023
- 2024
- 2025